

## CONTRIBUIÇÕES DA PERSPECTIVA ELIASIANA PARA A SOCIOLOGIA DA TRADUÇÃO<sup>1</sup>

 <https://doi.org/10.56238/arev6n2-139>

**Data de submissão:** 11/09/2024

**Data de publicação:** 11/10/2024

### **Euluze Rodrigues da Costa Junior**

Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/Ufes)

Professor Adjunto e Permanente do Programa de Pós-graduação Profissional em Educação (PPGPE/Ufes)

Chefe do Departamento de Linguagens, Cultura e Educação (DLCE)

Membro e pesquisador do grupo de pesquisa: Políticas, Gestão e Inclusão Escolar: contextos e processos sociais (CNPq)

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil

E-mail: [euluze.costa@ufes.br](mailto:euluze.costa@ufes.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1448-4099>

### **Reginaldo Célio Sobrinho**

Bolsista Produtividade CNPq

Pós Doutor em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD

Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/Ufes)

Professor Associado e permanente do PPGE/Ufes e Diretor do Centro de Educação da Ufes

Líder do grupo de pesquisa: Políticas, Gestão e Inclusão Escolar: contextos e processos sociais (CNPq)

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil

E-mail: [rsobrinho2009@hotmail.com](mailto:rsobrinho2009@hotmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4209-2391>

### **Priscila Andressa Muzy de Almeida Lamonica**

Mestranda em Educação Profissional pelo Programa de Pós-graduação Profissional em Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo. Graduada em Pedagogia (UNINTER)

Professora bilíngue e Tradutora e Intérprete de Libras/Língua Portuguesa (TILSP) na Secretaria Municipal de Educação de Vila Velha

Membra e pesquisadora do grupo de pesquisa: Políticas, Gestão e Inclusão Escolar: contextos e processos sociais (CNPq)

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil

E-mail: [primuzy87@gmail.com](mailto:primuzy87@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-6338-2881>

## **RESUMO**

Este ensaio tem por objetivo evidenciar os constructos eliasianos que podem servir de ferramentas de fundamentação teórico-metodológicas para as investigações da Sociologia da Tradução. A partir da compreensão de que a tradução é uma prática social, recorreremos a estudos nacionais e internacionais,

<sup>1</sup> Estudo desenvolvido com financiamento do “Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, por meio do edital CNPq/MCTI nº 10/2023 – Universal

que constituem o adensamento da discussão que propomos com ricas questões norteadoras desenvolvidas no campo da sociologia, especialmente, aquelas decorrentes do pensamento bourdieusiano. Nessa caminhada, tecemos aproximações peculiares desse subcampo de produção do conhecimento dos Estudos da Tradução com a Sociologia Figuracional de Norbert Elias, especialmente, com as noções de figuração, rede de interdependência e habitus. Sem perder de vista a superação da dicotomia indivíduo e sociedade, concluímos com indicações de possíveis investigações em torno das traduções e dos tradutores.

**Palavras-chave:** Sociologia da Tradução, Sociologia Figuracional, Estudos da Tradução, Norbert Elias.

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo emerge de reflexões realizadas no âmbito do grupo de pesquisa “Políticas, Gestão e Inclusão Escolar: contextos e processos sociais”, vinculado à linha de pesquisa “Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão Escolar”, do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE), da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Também, a partir de uma rede interinstitucional internacional que conta com professores e pesquisadores mexicanos da Universidad Veracruzana e da Universidad de Guadalajara.

No fluxo dos trabalhos de nossa rede de pesquisa internacional, percebemos que as instituições visitadas, os indivíduos e grupos com quem conversávamos seja no Brasil e/ou México foram (e, são) atravessados pelas traduções de diferentes línguas. Diante dessas percepções, compartilhamos da afirmação de Michaela Wolf (2009a), que a tradução é um processo social carregado de tensões.

Ao longo de nossa investigação, identificamos e compreendemos a adoção de diferentes perspectivas para a tradução. Na maioria dos casos, a tradução é entendida como uma prática que visa garantir a comunicação entre os indivíduos. Porém, a partir das noções eliasianas (que discorreremos adiante) e de apontamentos de Michaela Wolf (2009), duas questões estiveram presentes para nós: a) como essa garantia de comunicação acontece quando a tradução é entendida como algo exterior aos indivíduos e às sociedades?; b) quais as chances de prestígio que a tradução e os (Tradutores) Intérpretes de Línguas de Sinais – TILS brasileiros e mexicanos que as realizam têm.

Parece-nos que essas questões ficam mais evidentes quando consideramos o fato que existe um imbricamento de forças nas traduções. Em diferentes intensidades, existe uma interrelação de forças que delineiam quem são os tradutores, que criam estratégias a partir das condições de trabalho, que podem traduzir o que, e para quem, diante de uma finalidade muito específica (ELIAS, 2014; 1994; CHESTERMAN, 2014; WOLF, 2009b).

Essas questões norteadoras movimentam nossos estudos e nos impulsionaram a escrever este ensaio. Porém, antes de avançarmos em nosso objetivo de evidenciar os constructos eliasianos que podem servir de ferramentas de fundamentação teórico-metodológicas para as investigações da Sociologia da Tradução, acreditamos que seja prudente alertar que, com este ensaio, não temos a pretensão de confrontar os paradigmas existentes para apontar o único caminho possível e tão necessário para outros estudos e autores que tratam(rão) de aspectos das traduções no bojo da Sociologia da Tradução.

Assim, na primeira parte deste ensaio, buscamos caminhar no recente subcampo dos Estudos da Tradução: a Sociologia da Tradução. Para tanto, recorreremos a estudos nacionais e internacionais que se apresentam para nós como referências quanto como produções empíricas que constituem o

adensamento da discussão do subcampo da Sociologia da Tradução. Nesse exercício, apresentamos a chamada “virada cultural” e questões que emergiram no fim do século XX e início do século XXI que indicaram a necessidade da contribuição de questões interdisciplinares, em especial, do campo da sociologia.

Na segunda parte, refletimos sobre a tradução enquanto uma prática social que acontece de maneira interdependente com as culturas, as instituições, os indivíduos, as línguas, as políticas e outros. A partir da inter-relação desses vetores, trazemos contribuições da sociologia, em especial, decorrentes do pensamento de Pierre Bourdieu, que passam a contribuir para os estudos da Sociologia da Tradução.

Na terceira parte, apresentamos uma síntese e características da Sociologia Figuracional, bem como, as noções de figuração, rede de interdependência e habitus desenvolvidas por Norbert Elias e, assim, paulatinamente, propomos reflexões desses constructos eliasianos em investigações voltadas para a Sociologia da Tradução.

Por fim, sem perder a perspectiva do “eu e nós”, indicamos as possibilidades de investigações em torno das traduções e dos tradutores de modo interdependente, plural e associadas aos contextos industriais, econômicos, profissionais e de urbanização (ELIAS, 2014).

## **2 ASPECTOS HISTÓRICOS CONSTITUTIVOS DO SUBCAMPO DA SOCIOLOGIA DA TRADUÇÃO**

A tradução é um processo que ocorre na interrelação indivíduo e sociedades. Ao nos aproximarmos da tradução, perceberemos que ela depende de um tradutor e de instituições sociais que, juntos, cooperam para o fim de atender determinados indivíduos e comunidades linguísticas. Assim, a tradução, anteriormente vista apenas sob a perspectiva técnica e descritiva, passou a ser entendida, também, como uma prática social, pois

[...] o ato tradutório é, em todos os seus estágios, inegavelmente praticado por indivíduos que pertencem a um sistema social; [...] o fenômeno tradutório está inevitavelmente vinculado a instituições que, em grande parte, determinam a seleção, a produção e a distribuição da tradução e, por conseguinte, as estratégias adotadas na tradução em si (WOLF, 2009b, p.01).

Mas, nem sempre foi visto dessa maneira. Até a década de 1970, os aspectos de interesse dos Estudos da Tradução eram focalizados em questões estruturalistas e formais que objetivavam a descrição detalhada dos processos tradutórios. Em outros termos, ao comparar com as traduções, os estudos enfocavam a fidelidade do texto de origem e observavam questões gramaticais que envolviam as línguas e as estratégias adotadas pelos tradutores em suas práticas (ARAÚJO; MARTINS, 2018).

Somente a partir do ensaio de Holmes (1988) que, no ano de 1972, foi apresentado no III Congresso Internacional de Linguística Aplicada, em Copenhague, a observação para as tensões que estão para além das traduções e são interrelacionadas a ela foi citada no campo dos Estudos da Tradução. O autor sugere, por exemplo, que existem ênfases, influências e interferências nas escolhas e valorização de textos a partir dos contextos em que a tradução e os tradutores estão inseridos (ARAÚJO; MARTINS, 2018; ZHENG, 2017; CHESTERMAN, 2014; 2006).

Essa percepção é possível de ser feita quando observarmos a tradução em zonas de fronteiras culturais. Nessa situação, não é muito difícil não enxergar que na comunicação, o ato tradutório e a tradução se interrelacionam em uma grande rede cultural que permanece em constante tensão. Assim, a produção de conhecimento dos Estudos da Tradução, que visava o produto da tradução e os processos inerentes ao ato tradutório passou a observar, também, por meio da interdisciplinaridade ou dos estudos culturais, as traduções como uma mediação cultural. À época, esse movimento possibilitou enxergar que as escolhas por termos, expressões, palavras e sinais aconteciam na negociação das diferenças culturais inseridas nas traduções (WOLF, 2009b).

Essa “virada cultural” nos Estudos da Tradução é carregada de tensões, fundamentalmente, porque nos coloca a necessidade de discutir a noção de tradução. Ao invés de mediar acordos linguísticos numa concepção isolada das questões tradicionais e identitárias, as traduções passariam a observar as dinâmicas das formações e trocas culturais. Portanto, essa virada possibilitou um olhar para as percepções culturais dos tradutores e das instituições vinculadas aos processos tradutórios (WOLF, 2009b).

Acontece que, a superação da dicotomia indivíduo e sociedade não foi “resolvida” nessa “virada cultural”. A questão do indivíduo pode até ter sido amarrada à tradução, porém as questões sociais se dividiam em dois níveis: o cultural e o social propriamente dito. Numa perspectiva dicotômica, o primeiro nível era caracterizado por forças como se estivessem para além do indivíduo e da sociedade, por exemplo, o poder, o capital, as coerções, as religiões e outros e, como segundo nível, o social era interpretado como se acontecesse uma internalização coletiva das forças do primeiro nível (WOLF, 2009b). Logo, as instituições sociais e os aspectos culturais eram analisados como esferas estáticas, imutáveis em oposição aos indivíduos e à tradução.

Em outros termos, não podemos considerar a cultura como um processo alheio aos acontecimentos sociais e da produção e compreensão de signos linguísticos das línguas e das traduções, pois para aprender uma determinada língua, ainda na infância, os indivíduos (tradutores) dinamizam seus potenciais linguísticos. A partir de Elias (2014), não por acaso, os conceitos de sociedade e cultura, de diferentes modos, são interpretados como sendo opostos ao indivíduo. Ocorre que, a tentação de

pensarmos a sociedade e a cultura de maneira oposta aos indivíduos nos força a imaginar que em algum momento da vida estamos em suspensão ou alheios aos acontecimentos sociais e culturais.

Dessa maneira, a tradução se torna um elemento fundamental para compreendermos os desenvolvimentos sociais a partir de um entre lugar das culturas e das questões específicas de diferentes sociedades. De posse dessa compreensão, concordamos com Wolf (2009b), que a “virada cultural” já não parece ser o bastante para compreendermos a tradução e os diferentes processos sociais que se interrelacionam com ela.

### **3 A TRADUÇÃO COMO PRÁTICA SOCIAL**

A prática social da tradução já foi discutida por diferentes abordagens, inclusive, sociológicas no bojo dos Estudos da Tradução. As questões voltadas para as interrelações da tradução, os contextos sociais e o tradutor permaneciam em aberto. E, até os anos 2000, as teorizações dicotomizadas não proporcionaram uma compreensão da tradução como práticas interrelacionadas com as diferentes sociedades (WOLF, 2009b).

A tradução enquanto trabalho de um indivíduo não se refere a uma produção isolada das inter-relações humanas. Se observarmos atentamente para o processo tradutório e a tradução, perceberemos que ambas acontecem em uma rede complexa e interdependente. É preciso considerar que a tradução ocorre a partir das individualidades do tradutor que, juntamente das especificidades sociais, são atravessados por aspectos culturais, linguísticos, políticos e terminológicos (ESTILL, 2017; ELIAS; 1994).

Nessa perspectiva, as questões da tradução não são uma produção exclusiva do tradutor ou o produto da tradução em si. No processo tradutório temos instituições, finalidades e escolhas sobre o que "dizer", mas, também, os próprios conteúdos e as regulamentações, que se interrelacionam numa dinâmica aberta e plural (HEILBRON, SAPIRO, 2009).

Assim, grosso modo, é necessário que seja considerado os aspectos textuais, cognitivos, culturais e sociológicos como fios que se interrelacionam e formam uma complexa rede. O enredamento desses fios conta com tensões carregadas de ações dos tradutores, de suas preferências políticas, de prestígios do tradutor e de suas produções pessoais, nunca isolados (CHESTERMAN, 2014; 2006).

Nessa direção, nas pesquisas da tradução têm ficado mais comum os enfoques nas ações dos tradutores inseridos em uma grande rede de interdependência que conta com outros tradutores e instituições sociais. Uma rede com muitos atravessamentos, sejam eles culturais, econômicos, linguísticos, políticos, tecnológicos e outros (CHESTERMAN, 2014; 2006).

Para os pesquisadores dos/nas Estudos da Tradução, havia necessidade de uma perspectiva que, também, relacionasse a ética e responsabilidades dos tradutores e das instituições envolvidas na dinâmica de tradução. Desse modo, se historicamente os diferentes aspectos da tradução eram tratados de maneira dicotômica e com diferentes níveis de valorização, agora, numa perspectiva sociológica da tradução, vemos ser impulsionado, um movimento de análise marcadamente interrelacional (CHESTERMAN, 2014; 2006; WOLF, 2009a; WOLF, 2009b).

No bojo da Sociologia da Tradução podemos encontrar diferentes concepções para a tradução. No século XXI, a partir da “virada sociológica”, tem acontecido discussões e investigações focalizadas em, pelo menos três frentes<sup>2</sup> que dinamizam o conceito de tradução, são elas: sociologia dos agentes, sociologia do processo de tradução e a sociologia do produto cultural (CHESTERMAN, 2006; WOLF, 2009a; WOLF, 2009b).

A junção dessas três frentes nos fornece um conceito de tradução como sendo uma prática social, que não perde de vista, a análise das interrelações sociais. De modo análogo, como fios, os bens culturais, as condições objetivas e subjetivas e as coerções sociais são enredados e, juntos, formam uma rede que, também, conta com a tradução, os processos de tradução e os tradutores (CHESTERMAN, 2006; WOLF, 2009b; HEILBRON, SAPIRO, 2009). Em outros termos, numa perspectiva sociológica, o conceito de tradução é empregado para a produção de conhecimento que visa investigar as questões que estão interrelacionadas à tradução, por exemplo, as instituições de formação, os tradutores, a ética, as políticas de tradução e outras (ZHENG, 2017).

A partir desse entendimento, nos anos 2000, pelos menos três diferentes sociólogos contribuíram para o adensamento das discussões e investigações na Sociologia da Tradução, são eles: o alemão Nicklas Luhmann com sua teoria dos sistemas sociais, os franceses Michel Callon e Bruno Latour com a teoria ator-rede e o francês Pierre Bourdieu com a teoria dos campos sociais.

Sem diminuir a importância das outras duas tendências, nos aproximamos da teoria de campo bourdieusiana aplicada aos Estudos da Tradução porque seu pensamento oferece para a tradução uma perspectiva voltada para o processo social a partir de uma rede de interdependência, que considera os tradutores, os produtos, os processos de traduções e os consumos (WOLF, 2009b). Cada um desses elementos vai estar em uma posição social muito específica que se interagem a partir das diferentes normas dos campos, da constituição e modelação dos habitus sociais e do capital dos tradutores (ZHENG, 2017). Ao considerarmos o contexto neoliberal no qual estamos inseridos, a tradução, também, é permeada por fatores do capital (câmbio, lucro e prejuízo) que são tensionados a partir das

---

<sup>2</sup> WOLF (2009b) detalha os aspectos teórico-metodológicos e indica as principais contribuições de estudos dessas três frentes de investigação.

interrelações dos tradutores, das línguas, das culturas dos contextos e das finalidades. Logo, a tradução, também, se trata de uma ferramenta de poder modelada por comportamentos socialmente negociados (SERPA; CAMARGO, 2017).

Jean-Marc Gouanvic foi um dos primeiros investigadores que buscou essa aproximação da tradução com as questões bourdieusianas. Suas teses enfocam as interferências e responsabilidades que acontecem para a produção da tradução em redes e em diferentes instituições. O autor sugere que existem legitimidades e poderes que são operados na/pela tradução que a todo tempo são tensionados e passam por negociações (WOLF, 2009b).

Nesse sentido, a tradução conta com o ato tradutório que não está isento das interferências do habitus dos tradutores. Embora exista um habitus social nas traduções, elas não estão isentas dos habitus individuais dos tradutores. A aplicação dos habitus individuais não são meramente movimentos de resistências, mas são entendidas como habitus do tradutor, em constante movimento, que se interrelaciona com outros indivíduos e instituições e, juntos, constituem o campo (WOLF, 2009b).

No fluxo da produção de mais estudos empíricos a partir das práticas e dos discursos dos tradutores, uma segunda questão, de ordem teórico-metodológica nos chamou atenção ao nos debruçar no texto de Wolf (2009b), concordamos com a autora que, Pierre Bourdieu, a partir das suas ferramentas conceituais, contribuiu com importantes constructos sociológicos para os Estudos da Tradução e que no momento é importante que os próximos estudos empíricos tragam um olhar atento para o pensamento do sociólogo francês na busca de múltiplas compreensões sociológicas para a tradução.

Nessa direção, a partir das leituras das obras de Pierre Bourdieu, dos estudos da Sociologia da Tradução, de estudos desenvolvidos por sociólogos brasileiros e estrangeiros e pesquisadores das obras bourdieusianas, resgato uma das influências do pensamento bourdieusiano, o sociólogo alemão, Norbert Elias.

É que, em decorrência de uma multiplicidade de fatores, as obras eliasianas foram (traduzidas e) difundidas na Europa e, especialmente, na França somente a partir de 1970<sup>3</sup>. As obras “O Processo Civilizador” e “Sociedade de Corte” circularam entre os pensadores da França nessa década. Por exemplo, Pierre Bourdieu traduziu um artigo de Norbert Elias sobre a gênese do esporte com uma análise sobre como se deve compreender a noção de processo civilizador elaborada pelo sociólogo alemão. Mais tarde, o francês publica uma de suas mais importantes obras, que resgata questões sobre

---

<sup>3</sup> A partir dessa tradução a obra foi um dos livros mais vendidos na Europa e teve grande influência em diferentes campos de conhecimento, fundamentalmente, na história. E, foi a partir de Roger Chartier, que essa obra foi muito divulgada na França (ZABLUDOVSKY, 2007).

a elite francesa, intitulada “La Distinción: critérios y bases sociales del gusto” (ZABLUDOVSKY, 2007).

Ao conceder uma entrevista para o sociólogo Loïc Wacquant, Bourdieu reconhece a influência eliasiana para a elaboração das noções de campo – a partir das contribuições eliasianas relacionadas aos jogos – e de habitus – que o francês, assim como o alemão, também, trabalha para superar a dicotomia indivíduo e sociedade. Além dessas contribuições para o pensamento bourdieusiano, a Sociologia Figuracional elaborada por Norbert Elias, ofereceu condições para que Pierre Bourdieu tratasse das questões da violência física e simbólica e para as críticas a respeito das dicotomias entre teoria e prática, bem como, da sociologia e a história (ZABLUDOVSKY, 2007; BOURDIEU; WACQUANT, 1995).

Dessa maneira, para evidenciar os constructos eliasianos que podem servir de ferramentas de fundamentação teórico-metodológicas para as investigações do subcampo da Sociologia da Tradução, a seguir recorro aos constructos eliasianos para que, paulatinamente, a partir das noções de figuração, rede de interdependência e habitus os pressupostos da Sociologia Figuracional possa vir a ser contemplada e servir, para o adensamento das discursões a respeito da tradução como prática social, potencializando outros modos de análises para o subcampo dos Estudos da Tradução.

#### **4 A SOCIOLOGIA FIGURACIONAL: APROXIMAÇÕES AO PENSAMENTO ELIASIANO**

Se pensarmos em uma síntese para a Sociologia Figuracional, propomos que se trata de uma abordagem histórico processual utilizada por Norbert Elias para analisar as sociedades modernas a partir da superação da dicotomia indivíduo e sociedade (COSTA JUNIOR, 2015; GASPAR, 2016), tomando como eixo de análise as emoções, o poder e o conhecimento em processos de longa duração (ELIAS, 1994; 2014). De maneira específica, a Sociologia Figuracional se trata de um conjunto de pressupostos teórico-metodológicos que visa compreender a processualidade das interdependências humanas (SOBRINHO, 2009), orientado, fundamentalmente, pelas seguintes questões:

“O que faz com que as pessoas se liguem umas às outras e sejam dependentes umas das outras? Como é que as interdependências mudam, à medida que as sociedades se tornam cada vez mais diferenciadas e estratificadas?” (ELIAS, 2014, p.147 – acentuação nossa).

Para nós<sup>4</sup>, essas questões orientadoras nos auxiliam em respostas para – e, em mais perguntas a partir de – um dos problemas fundamentais da Sociologia Figuracional que é “[...] explicar y

---

<sup>4</sup> Aqui tomamos a liberdade de nos colocarmos juntamente das compreensões, percepções e produções que acontecem com colegas do Grupo de Pesquisa Políticas, Gestão e Inclusão Escolar: contextos e processos sociais (CNPq).

descobrir cómo las transformaciones sociales surgen de estados anteriores” (ZABLUDOVSKY, 2007, p. 31).

Afinal, a Sociologia Figuracional é caracterizada por escapar das compreensões estáticas de indivíduo ou sociedade por meio de uma análise processual de longa duração, bem como, das perspectivas individualizantes para as ações sociais, pois para o sociólogo alemão, os indivíduos compõem uma rede de interrelações (COSTA, 2017).

Essa proposição eliasiana de superar as noções de indivíduo elaboradas pelos sociólogos clássicos é mais clara quando observamos as particularidades e as valências emocionais dos indivíduos, nessa direção, vemos que a noção de indivíduo se amplia para:

[...] seres isolados que nascem, têm de ser alimentados e protegidos durante largo tempo pelos pais ou por outros adultos, crescem lentamente, passam a cuidar de si próprios nesta ou naquela posição social, podem casar e ter filhos e, finalmente, morrem (ELIAS, 2014, p.128-129).

Em outras palavras, a partir da perspectiva eliasiana, nos referimos a um ser que se transforma, vive em meio a acontecimentos e fluxos no bojo de diferentes figurações sociais. Pais e filhos em uma família, padres, pastores e membros de igrejas, professores, alunos e gestores de uma universidade são alguns exemplos de grupos de indivíduos que, uns com os outros, na forma de aliados ou adversários e de modo interrelacional, formam uma figuração específica. A população de tribos, municípios, estados ou de um país também formam tipos de figurações. A partir desses exemplos e, embora a primeira vista pareça estranho, o mesmo indivíduo pode se relacionar a partir de uma ou mais figurações e diferentes indivíduos podem formar uma única figuração social (ELIAS, 2014; 2006).

É comum nos depararmos com a dúvida de como acontece a interrelação dos indivíduos por meio das figurações sociais. As respostas para questões que influem para essa temática não podem ser elaboradas a partir da perspectiva do homo clausus. As ações dos indivíduos distanciados uns dos outros acabam se enrendando a partir de múltiplos elos das redes de interdependências. Uma perspectiva fechada das sociedades não favorece para as análises e compreensões dos relacionamentos humanos e das crises dos congressos e das economias, pois essas questões não podem ser entendidas a partir da análise das ações de indivíduos de maneira isolada.

Desse modo, esse deslocamento de olhar da perspectiva do homo clausus para a perspectiva do hominis aperti é um dos fatores preponderantes para as investigações eliasianas e para as que se debruçam sobre as interrelações sociais que incluem as “[...] interdependências pessoais e sobretudo as ligações emocionais entre as pessoas, considerando-as como agentes unificadores de toda a sociedade (ELIAS, 2014, p.150).

Nessa direção, as ligações emocionais vão depender, também, do tamanho das redes de interdependência, que são entendidas como:

[...] uma grande tessitura de fios entre indivíduos que conecta uns aos outros. Por exemplo: “[...] cidades e aldeias, universidades e fábricas, estados e classes, famílias e grupos operacionais, todos eles constituem uma rede de indivíduos. Cada um de nós pertence a esses indivíduos – é isso que significam as expressões “a minha aldeia”, “a minha universidade”, “a minha classe”, “o meu país” (ELIAS, 2014, p.16).

Embora tenhamos diferentes possibilidades de ligações de suas valências, os indivíduos de uma pequena tribo, de um distrito, de uma cidade ou de uma comunidade, participam da configuração como um todo. Porém, à medida em que ocorrem ampliações e estratificações sociais, emergem diferentes maneiras dos indivíduos se interrelacionarem emocionalmente. Concomitantemente a essas ligações, os indivíduos passam a ter relações uns com os outros por meio das emoções, de símbolos, de crenças, de acordos, de diretrizes e de processos que constituem os *habitus* sociais (ELIAS, 2014).

De modo análogo, por mais que os tradutores sejam singulares, de maneira branda, tensa e interdependente, compartilham experiências uns com os outros. Esses processos dinamizam saberes comuns que, compartilhados, compõem o *habitus* social.

A conceituação eliasiana de *habitus* significa, também, “segunda natureza” ou “saber social incorporado”. Trata-se de uma noção mutável porque depende dos múltiplos e acumulados sentidos que os indivíduos dão para as experiências sociais que superaram a noção de um caráter (cultura) nacional dado(a), fixo(a) e permanente (DUNNING; MENNELL, 1997).

Por meio dessa compreensão, no atual estágio do desenvolvimento das sociedades<sup>5</sup>, entendemos que os tradutores possuem *habitus* que são individualizados em diferentes proporções e “camadas”<sup>6</sup> a depender da complexidade e das tensões das redes de interdependências as quais estão figurados. Se um tradutor estiver entrelaçado com mais fatores sociais em relação a outro, o *habitus* do primeiro é interligado em mais “camadas”/questões sociais que o segundo. Entretanto, uma dessas “camadas” destoa das demais, aquela que caracteriza o vínculo desse indivíduo ao grupo que ele pertence e se sente seguro – aqui temos um bom exemplo do sentimento de pertencimento nas questões comunitárias, identitárias, nacionais e outras.

<sup>5</sup> Os indivíduos figurados em estágios pré-estatais ou em tribos, como os Iorubas, da Nigéria – que vivem à margem dos contextos estatais e desenvolvidos de nosso tempo –, possuem *habitus* com “menos camadas” do que os indivíduos que vivem em sociedades estatais em decorrência da (im)possibilidade do compartilhamento das experiências, dos impulsos e emoções e dos conhecimentos em diferentes figurações sociais.

<sup>6</sup> Por segunda natureza a entendemos como a formação de uma consciência a partir de uma auto-regulação dos comportamentos e das emoções que foi auto-regulada pelos impulsos e tensões das redes de interdependências as quais os indivíduos estão figurados (WOUTERS, 2006).

Nas ciências sociais a noção de habitus social segue em fluxos. As pesquisas que se orientam por esse constructo eliasiano devem observar os percursos que se relacionam na formação e na autoregulação das imagens do “eu-e-nós”. A partir desse redimensionamento investigativo temos condições de observar as relações de poder que dinamizam a formação do habitus social e o controle das emoções individuais.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao considerarmos os constructos eliasianos, especialmente, as noções de figuração, rede de interdependência e habitus como ferramentas teórico-metodológicas para as investigações da Sociologia da Tradução, propomos potencializar as investigações que tratam da tradução como um processo social, pois como vimos até aqui, a partir da virada sociológica nos Estudos da Tradução, temos a compreensão de que os tradutores estão ligados a outros de diferentes modos a partir das redes de interdependências.

A partir de Elias (1994), compreendemos que por meio dessas redes, os tradutores modelam seus habitus de diferentes modos e, movimentam suas chances de prestígio social a partir de um habitus socialmente estabelecido. Dessa maneira, essas chances de prestígio dos tradutores estão relacionadas às posições sociais ocupadas por esses indivíduos que, paulatinamente, passam a dinamizar a autoregulação e o futuro das figurações as quais estão inseridos.

Seja com pouca ou muita chance de poder, as decisões dos tradutores impactam nas relações com os demais indivíduos que compõem as figurações. Por exemplo, independente da valorização e importância de alguma questão que demande alguma solução para a profissão, para os processos tradutórios e/ou para os produtos culturais produzidos, os tradutores vivenciam múltiplas tensões e estão entrelaçados às distribuições de poder, que são operadas pelos habitus sociais estabelecidos nas redes de interdependências que estão inseridos.

Essas ligações simbólicas, por meio das redes de interdependências, não são menos importantes que as que acontecem por meio de processos industriais, econômicos, profissionais e de urbanização (ELIAS, 2014). A somatória de todas essas valências constituem um estágio exclusivo de ligações que nos possibilita analisar as traduções sob a perspectiva do “eu e nós”.

Sem a pretensão de esgotar nossas reflexões por aqui, acreditamos que por meio da Sociologia Figuracional, também, temos a possibilidade de observar vínculos afetivos dos tradutores com a tradução, os processos tradutórios, as instituições, as políticas linguísticas e de tradução, o desenvolvimento da profissão e etc., que estão figurados nas redes de interdependências como se fossem ligações afetivas com outro indivíduo. É possível perceber, então, produções de sentidos dos

tradutores nessas relações de interdependências permeadas por alguma conquista/derrota, exaltação/humilhação ou na entrada/saída de algum processo ou outros profissionais.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Lana Beth Ayres Franco; MARTINS, Marcia A. P. Um olhar sociológico sobre a tradução. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.34, 2018. p.02-11.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. *Respuestas: por una antropologia reflexiva*. México, D.F: Editorial Grijalbo, 1995.
- CHESTERMAN, Andrew. O nome e a natureza dos estudos do tradutor. *Belas Infiéis*, v.3, n.2, 2014. p.33-42.
- CHESTERMAN, Andrew. Question in the sociology of translation. IN: FERREIRA DUARTE, João; ASSIS Rosa, Alexandra; SERUYA, Teresa (Orgs.). *Translation Studies at the Interface of Disciplines*. Amsterdam: Benjamins, 2006. p.9-27.
- COSTA, André Oliveira. Norbert Elias e a configuração: um conceito interdisciplinar. *Configurações*, vol. 19, 2017, p.34-48.
- COSTA JUNIOR. Euluze Rodrigues da. A modelação de uma política cooperativa na formação de estudantes surdos no Ensino Superior. *Dissertação de Mestrado: Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.*
- DUNNING, Eric; MENNELL, Stephen. Prefácio à edição inglesa. In: *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert. *Escritos & Ensaio; 1: Estado, processo, opinião pública*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. Lisboa (Portugal): Edições 70, 2014.
- ESTILL, Daniel Argolo. De artesanato a indústria – a tradução globalizada: autoria, texto de partida, tradutor e texto de chegada na era da informação. *Tese de Doutorado: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.*
- GASPAR, Ronan Salomão. *As figurações na política estadual de educação em tempo integral no Espírito Santo. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.*
- HEILBRON, Johan; SAPIRO, Gisèle. Por uma sociologia da tradução: balanço e perspectivas. *Graphos, João Pessoa*, v.11, n.2, dez./2009. p.13-28.
- SERPA, Talita; CAMARGO, Diva Cardoso. Ciências sociais e estudos da tradução baseados em corpus: interdisciplinaridades de uma sociologia da tradução. *Intersecções*. edição 24, ano 10, n.3. nov./2017. p.55-74.
- SOBRINHO, Reginaldo Célio. *A relação família e escola a partir da processualidade de um fórum de famílias de alunos com deficiência: contribuições de Norbert Elias. Tese de Doutorado: Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.*

WOLF, Michaela. The implications of a sociological turn – methodological and disciplinary questions. In: PYM, Antony; PEREKRESTENKO, Alexander (Orgs). Translation Reserach Projects 2. Tarragona: Intercultural Studies Group, 2009a. p.73-79.

WOLF, Michaela. The emergence of a sociology of translation. In: WOLF, M.; FUKARI, A. (Orgs.) Constructing a Sociology of Translation. New York/Amsterdam: John Benjamins, 2009b. p.1-36.

WOUTERS, Cas. Mudanças nos regimes de costumes e emoções: da disciplinarização à informalização. In: WOUTERS, Cas; GEBARA, Ademir (Orgs.). O controle das emoções. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009. p.91-118.

ZABLUDOVSKY, Gina. Norbert Elias y los problemas actuales de la sociologia. México: FCE, 2007.

ZHENG, Jing. An Overview of Sociology of Translation: past, present and future. International Journal of English Linguistics. Vol. 7, n. 4, 2017. p. 28-32. DOI:10.5539/ijel.v7n4p28.